

3

CURSO DE INGLÊS *ON-LINE*: PRÁTICAS DISCURSIVAS DA AUTONOMIA NA APRENDIZAGEM

ONLINE ENGLISH COURSE: DISCURSIVE PRACTICES OF AUTONOMY IN LEARNING

Maria Regina Momesso

Doutora em Linguística (UNESP/Araraquara), coordenadora, docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Linguística da Universidade de Franca. Pesquisadora em Análise do Discurso junto ao grupo de pesquisa GTEDI – Unifran.

Mariana Castaldi Zardini

Aluna de Graduação do terceiro ano do curso de Letras; integrante do grupo de pesquisa GTEDI – Unifran. Este artigo é resultado do Projeto de Pesquisa da Iniciação Científica.

RESUMO

O presente artigo objetiva analisar discursivamente a *homepage* de um curso de inglês *on-line* – o www.inglescurso.net – para verificar como se constroem as práticas discursivas de identificação e representação sobre a autonomia na aprendizagem comunicativa do inglês *on-line*. As reflexões deste estudo estão assentadas na perspectiva discursiva francesa. Para as questões do ensino de inglês na internet pautou-se em estudos desenvolvidos por Heltaí Lima, Paiva, Motta-Roth, Levy da Linguística aplicada; em relação às novas tecnologias na aprendizagem de língua estrangeira em Coracini e quanto aos conceitos de discurso, práticas discursivas em Foucault e outros que contribuíram para o desenvolvimento da pesquisa. Os resultados mostram a construção de uma prática discursiva de um

ensino-aprendizagem pautado em escolhas do internauta aprendiz. Este se juntando aos que ali frequentam e seguindo as prescrições de atividades estaria aprendendo segundo sua vontade e escolha, de forma autônoma e flexível. No entanto, o conteúdo do ensino-aprendizagem *on-line* não se diferencia do tradicional. Na verdade o que muda é a forma de apresentação desse conteúdo que simula uma aprendizagem autônoma e eficiente.

Palavras-chave: inglês *on-line*; representações; práticas discursivas; autonomia.

ABSTRACT

This article focuses on analyzing a homepage based on discursive theory of an on-line English Course, www.inglescurso.net to identify how the discursive theory of the identification and representation is built upon the autonomy of the communicative learning of English on-line. This study reflection was settled upon the French discourse perspective. Concerning the teaching-learning process through internet we based on studies developed by Heltai Lima, Paiva, Motta-Roth, Levy applied Linguistics; in relation to the new technologies in the foreign language learning in Coracini, considering the discourse concepts, discursive practices in Foucault and others that contributed to the researches' development. The results show the construction of a discursive practice of teaching-learning based on choices of the on-line student. This, joining with those who attend there and following the activities prescriptions would be learning according to his/her wishes and choices, autonomously and flexible. However, the contents of teaching/learning on-line do not differ from the traditional. Actually what changes is the form of presentation of this content that simulates an autonomous and efficient learning.

Keywords: English online; representation; discursive practices; autonomy.

INTRODUÇÃO

A educação *on-line* assim como os cursos pela internet são um fenômeno crescente e, atualmente, há uma variedade de ofertas de cursos de inglês *on-line* gratuitos e pagos. Segundo alguns estudiosos da área do ensino de inglês na internet, além de ser uma ferramenta digital para o ensino, combina uma série de possibilidades, tais como: flexibilidade, baixos custos e possibilidade de interação. É também uma mídia promissora, na qual a língua inglesa encontrou o caminho da hegemonia.

Segundo Heltai Lima (2007), os cursos de inglês são entendidos por muitas pessoas como uma forma de aprimoramento e ascensão profissional, cultural e social. Essa forma de entender os cursos de inglês se daria por meio da mídia, que atribui muita importância para o aprendizado do inglês. Somam-se a isso fortes campanhas publicitárias que legitimam e reiteram a necessidade de aprender inglês. Esse quadro tem como consequência a expansão de cursos de inglês e, assim, muita demanda e muita oferta acabam por transformar o processo ensino-aprendizagem em um mero produto de consumo, pois as pessoas, influenciadas pelo que a mídia determina, acabam por fazer os cursos de inglês – sejam eles presenciais ou *on-line* – sem a devida reflexão acerca de suas necessidades e de seus objetivos.

Percebe-se, então, na mídia em geral, a promoção de práticas discursivas do aprendizado de inglês como mero produto de consumo. Um dos discursos mais utilizados para atrair discentes/usuários para os cursos *on-line* de inglês versa que o domínio da língua inglesa será o meio de inserção do homem no mundo profissional globalizado, ou seja, aquele que pretende interagir num mercado competitivo deve valer-se dessa ferramenta para obter comunicação eficaz e o domínio da língua estrangeira, pois, por meio dela, o homem pode:

comunicar-se, obter acesso à informação, expressar e defender seus interesses, partilhar ou construir visões de mundo.

No âmbito do ensino de línguas estrangeiras a *web* propiciou a criação de incontáveis *homepages* com os mais variados recursos para aprendizagem de inglês. Um dos exemplos são os cursos *on-line*, um gênero emergente, criado a partir das possibilidades que a rede oferece e que tem se popularizado na medida em que as exigências de mercado de trabalho requerem não só habilidades específicas ao cargo/função, mas também de conhecimentos na área da informática e o domínio de uma língua estrangeira, preferencialmente o inglês.

Diante desse quadro, as práticas discursivas e identitárias de *sites* de curso de inglês *on-line* propagam um ensino e aprendizagem que se pautam na autonomia do aprendiz. Assim, objetiva-se nesse artigo analisar discursivamente a *homepage* do curso de inglês *on-line* (www.inglescurso.net), para verificar por meio das práticas discursivas e identitárias como se constrói o discurso da autonomia de aprendizagem de inglês na internet.

O artigo divide-se em duas partes: a primeira trata da contextualização e problematização do ensino *on-line* de inglês e dos principais conceitos que serão utilizados para análise da *homepage*. A segunda parte configura-se na análise da *homepage* e discussão dos resultados.

1 APRENDIZAGEM DE INGLÊS NA WWW: DISCURSOS, PRÁTICAS DISCURSIVAS E REPRESENTAÇÕES

A aprendizagem de inglês na *www* diferencia-se da aprendizagem tradicional e um dos principais diferenciais é a questão do espaço e do tempo virtual, da não presença, da desterritorialização.

Segundo Paiva (2001, p. 3) a *web*, por ter um espaço e um tempo diferentes do real, cria um ambiente cognitivo que proporciona à mente

do indivíduo experiências semelhantes àsquelas vividas no dia a dia e, assim, a aprendizagem na rede virtual seria natural e espontânea, pois o usuário/aprendiz pode selecionar os materiais e escolher os caminhos de acordo com seus próprios interesses e motivação. Nesse sentido, a aprendizagem se daria por meio de descobertas individuais, de solução de problemas, de tentativas diversas do fazer e do refazer, de acordo com o ritmo do usuário/aprendiz, portanto, este teria maior autonomia de aprendizagem.

Paiva (2007) ainda traça características positivas e negativas para a *web*. As positivas encontram-se na variedade de informação; na possibilidade de atualização constante; ambiente multimídia (som, imagem e vídeo); acessibilidade e facilidade de navegação; diversidade de material; possibilidade de escolha; interação de acordo com o próprio ritmo; gratuidade da informação; fomento à educação continuada; uso por tempo ilimitado; possibilidade de acesso aos autores; orientação da leitura através de mapas de navegação e possibilidade de leitura não linear.

Os contrapontos negativos podem ser listados como: excesso de informação; ausência de atualização em algumas *homepages*; lentidão no carregamento da informação; necessidade de atualização constante de *softwares*; nem todo material é de boa qualidade e nem toda informação é confiável; excesso de opções; leitura de muita informação na tela é cansativa; necessidade de refinamento na busca de informações; volatilidade da informação; a navegação de hipertextos pode desviar a atenção do objetivo principal.

Alguns autores ainda defendem que a *web* pode proporcionar novos caminhos de aprendizagem, pois esta seria mais estimuladora e desafiadora do que o ensino tradicional, em que o professor é responsável por fazer ou induzir conexões. É ele quem seleciona e determina o ritmo da aprendizagem, diferentemente do ensino *on-line*.

O psicólogo Howard Gardner – em sua teoria das inteligências múltiplas apresentada no livro *Inteligência múltiplas* –, define a capacidade do aprendiz em aprender sozinho e ao mesmo tempo entender as intenções, motivações e desejos dos outros como inteligência interpessoal. Paiva (2007), apoiada em Gardner, conclui que a *web* ajuda o aprendiz e professor a sair do foco no ensino para o da aprendizagem. O professor deixa de ser transmissor de conhecimento e passa a ser um facilitador do processo.

Neste trabalho entende-se que a *web* veio facilitar o acesso à informação e pode ser um importante instrumento de auxílio na aprendizagem e no ensino de inglês. No entanto é necessária cautela, pois o ambiente virtual cria simulacros de aprendizagem que podem levar o usuário a pensar que tem o poder de escolher fazer e ser, que sua aprendizagem poderá ser mais eficiente e autônoma sem a necessidade de um professor por perto.

As velhas dificuldades de se aprender uma outra língua continuam presentes no ambiente virtual, por exemplo, o não conhecimento da cultura e da vivência dos termos usuais do dia a dia, tais como as gírias, as expressões coloquiais e outros. Nesse sentido, o professor é uma ponte entre esse conhecimento e o não conhecimento e vivência do aprendiz, principalmente porque também é falante das duas línguas e sabe o que é característica de cada uma delas, e seu contato cotidiano com o aprendiz lhe dá subsídios para ver quais pontos de aprendizagem estão mais frágeis. Nos *sites* de inglês *on-line* o que se nomeia interação entre falantes nativos e o aprendiz da língua não ocorre de forma tão clara e fácil, pois o nativo não possui o conhecimento da cultura do aprendiz e este também não detém o conhecimento da cultura e da vivência da língua do nativo. A interação, portanto, ocorre em nível de superficialidade, de uso instrumental do dispositivo e não de interpretação do conteúdo existente na interação.

Outra questão que se deve levar em conta é que a aprendizagem autônoma exige do aprendiz *on-line* disposição e persistência diante dos obstáculos em uma dimensão muito maior do que em vista daquele que aprende dentro de uma sistemática pedagógica existente em escolas.

Sabe-se que para aquele que aprende de forma autônoma é necessário ter um perfil específico, pois a autonomia reside no fato de se aprender sozinho: quem direciona, quem encontra solução para os problemas de aprendizagem é o próprio aprendiz. Assim, nem todos têm facilidade e habilidades para a aprendizagem autônoma, e necessitam de direcionamento e acompanhamento específicos, como é o caso da maioria das pessoas.

Na aprendizagem autônoma o sujeito aprendiz deve ter a habilidade de centrar-se no engajamento discursivo dos outros discursos participantes de modo a poder agir no mundo social de uma outra cultura e ideologia, mas nem sempre isso ocorre de maneira simples, direta. O dispositivo *on-line* permite estar em contato com o outro em tempo real, ter acesso às informações, mas, sem o conhecimento de como fazer o engajamento discursivo entre o discurso do aprendiz e os discursos dos outros sujeitos existentes no site, a aprendizagem pode ficar debilitada.

É importante ressaltar que o ensino/aprendizagem de uma língua estrangeira aponta para o fato de que, mais do que trabalhar o ato comunicativo, tem-se um processo mais amplo que excede a ordem da instrumentalidade da língua e os sentidos vão além da proposição lógica, ou seja, o domínio da palavra e seu uso afetam e transformam o sujeito como tal, pois a linguagem e a constituição subjetiva estão intimamente ligadas (SERRANI-INFANTE, 1998).

Segundo Moraes a internet viabiliza recursos múltiplos para que a interação e o envolvimento emocional do aluno de *website* de inglês ocorram com mais precisão e atualidade.

Parte-se do pressuposto de que a língua é um instrumento de mediação entre o indivíduo e a sociedade, portanto ela é dinâmica, é um processo. No caso da aprendizagem de uma língua estrangeira, tornou-se uma necessidade para a transformação do indivíduo capaz de interagir com os demais e também compreender valores, crenças e atitudes dessa outra cultura, ampliando assim sua concepção de mundo que é atual e plural, mediado pelas novas tecnologias da informação e do conhecimento.

Todo esse processo resulta na produção e reprodução de novas ideologias, efetivando mudanças sociais. Assim, as práticas de leitura e escrita no *site* de inglês gratuito Inglês Curso será nosso ponto de partida para se chegar aos discursos e efeitos de sentido de processo de aprendizagem mediado pelo computador e pela rede, processo este que não pode ser visto estanque ou isolado de suas condições de produção histórica, social, ideológica, pedagógica e técnica.

São perceptíveis, em qualquer busca *on-line* por cursos de inglês, resultados que confirmam a propriedade de que este “novo formato” de aprendizado apresenta uma evolução e uma adaptação às necessidades e ações de uma dada sociedade, bem como evidencia algumas regularidades e particularidades, principalmente quando olhados na perspectiva de serem páginas iniciais de cursos pagos ou não.

Nesse sentido, o surgimento de cursos de inglês *on-line* estaria intimamente ligado à necessidade de constante aperfeiçoamento que o mundo do trabalho exige, como nas áreas da informática e de uma segunda língua. Esses fatores teriam influência direta sobre o aumento do número de profissionais em busca de aprimoramento no intuito de consolidar sua permanência no mercado. Houve grande crescimento nas áreas de turismo internacional, negócios, trocas científicas, mídia e informação, e as mediações decorridas desse fenômeno utilizam uma mesma língua franca: o inglês. Sendo assim, não é difícil imaginar

setores que investem no sentido de atender a essa demanda criada pelo novo mundo “globalizado” e, portanto, proliferam cursos de inglês e informática via rede.

Para a análise da *homepage* utilizou-se a perspectiva teórico-discursiva, principalmente, de conceitos tais como: discurso, práticas discursivas e representação. No tratamento dos dados e análise dos discursos do *site* utilizaram-se as ideias de Foucault (2007), que afirma que:

[...] gostaria de mostrar que o discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos¹, mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os tornam irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse mais que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever. (FOUCAULT, 2007, p. 56).

Em Foucault (2007) tudo é prática. E tudo está imerso em relações de poder e saber, que se implicam mutuamente, ou seja, textos e instituições, falar, escrever, interpretar e aprender constituem-se práticas sociais por definição permanentemente presas, amarradas às relações de poder, que as supõem e as atualizam.

Diante do exposto, o discurso existe para além da mera utilização de letras, de palavras e de frases, não pode ser entendido como um fenômeno de mera expressão de algo: apresenta regularidades intrínsecas a si mesmo, através das quais é possível definir uma rede conceitual que lhe é própria. É a esse mais que o autor se refere, sugerindo que seja descrito e apanhado a partir do próprio discurso,

¹ São elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações.

até porque as regras de formação dos conceitos, segundo Foucault, ainda não residem na mentalidade nem na consciência dos indivíduos; pelo contrário, elas estão no próprio discurso e se impõem a todos aqueles que falam ou tentam falar dentro de um determinado campo discursivo (FOUCAULT, 2007, p. 70).

O conceito de enunciado, para o autor em referência, não constituiria em si uma unidade, pois ele se encontra na transversalidade de frases, proposições e atos de linguagem: ele é sempre um acontecimento, que nem a língua nem o sentido podem esgotar inteiramente. Trata-se de uma função que cruza um domínio de estruturas e de unidades possíveis e que faz com que apareçam, com conteúdos concretos, no tempo e no espaço. Finalmente, a materialidade do enunciado, as formas muito concretas com que ele aparece, nas enunciações que aparecem em textos pedagógicos, em falas de professores, nas mais diferentes situações, em diferentes épocas².

Descrever um enunciado, portanto, é dar conta dessas especificidades, é apreendê-lo como acontecimento, como algo que irrompe num certo tempo, num certo lugar. O que permitirá situar um emaranhado de enunciados numa certa organização é justamente o fato de eles pertencerem a certa formação discursiva.

A noção de representação para esse trabalho assenta-se em Coracini (2003, p. 219), que afirma que “toda representação se constrói a partir das experiências pessoais, mas não apenas: elas se constroem a partir das experiências dos outros, daqueles que nos cercam e que nos levam a crer nisto ou naquilo, que nos dizem quem somos”.

As representações sobre a aprendizagem da língua inglesa na internet, portanto, são construídas a partir das práticas discursivas estabelecidas dentro da sociedade e em relação aos acontecimentos

² Perceba como a mídia se apropria desse discurso e o multiplica em inúmeras reportagens sobre pessoas que voluntariamente passam a dedicar-se ao trabalho de educadores.

envolvendo a língua estrangeira no trabalho, no social, no midiático, no cultural, na história e no ideológico. Dizendo de outro modo, as representações do ensino da língua estrangeira são construídas a partir das tomadas de posição dos sujeitos e de suas identificações e, inconscientemente, assumem essa posição como aprendizes dessa língua em relação ao que conhecem sobre ela, ao que dizem dessa língua no contexto midiático, escolar, profissional, familiar e outros.

2 INGLÊS CURSO: INGLÊS AUTOMÁTICO, FÁCIL, PRÁTICO E RÁPIDO

Como foi visto acima o ensino de inglês não é uma tarefa que exige apenas o conhecimento do idioma e de suas práticas, mas também técnicas que se ligam aos recursos modernos e interativos como os da cibermídia³. Assim, é comum vermos práticas discursivas sobre a necessidade de estarmos por dentro das novas metodologias e abordagens e utilizar a tecnologia como aliada, sem deixar de lado o aspecto humano do ensino.

Para este artigo foi selecionada a *homepage* de um curso de inglês *on-line*, o www.inglescurso.net, para verificar como são construídas as práticas discursivas de identificação e a representação sobre a autonomia na aprendizagem comunicativa do inglês *on-line*. Como é possível visualizar na tela na página seguinte (Figura 1).

Pode-se observar que a *homepage* do *site* www.inglescurso.net.br se constitui de textos curtos que sinteticamente resumem os seus objetivos: ensino *on-line* gratuito de inglês, rápido, fácil e eficiente. Tal estratégia parece ser utilizada como forma de persuasão para que o internauta venha fazer parte daquele meio ou simplesmente passar a compreender o que existe dentro deste tipo de mídia.

³ A cibermídia é aqui entendida como um conjunto de mídias digitais que não se limitam ao plano virtual ou à tela de um computador, mas se estendem a interfaces externas, como a telefonia celular móvel, as tecnologias *wireless*, os ciber centers, e as *lan houses* (MCADAMS, 2008).



Figura 1. Homepage inicial do Inglês Curso.

Assim, observa-se logo de início, ao entrar no site, que uma janela se abre e traz as seguintes informações: *“Inglês fluente em oito semanas. Você fala inglês ou seu dinheiro de volta”*. E, ao lado, uma figura de um homem com vestimentas de um domador. Essa imagem nos remete à ideia de que em apenas oito semanas o aluno ganhará a habilidade de “domar” o idioma. Esta imagem que tem o intuito de causar notoriedade fica à mostra durante quarenta segundos e, após isso, ela desaparece automaticamente e o internauta poderá encontrá-la novamente caso abaixe um pouco mais a barra de ferramentas.

A homepage possui como marca d’água uma bandeira dos Estados Unidos, portanto, sabe-se que o inglês que é ensinado é de ideologia americana e não britânica. Notam-se também diferentes sujeitos posicionados em frente à bandeira. Tais sujeitos constituem a generalização de biótipos, o que nos ajuda a ter uma visão de que o site foi feito para todos sem distinção cultural, ideológica ou política. O posicionamento desses sujeitos ao lado da bandeira nas laterais direita e esquerda da página remete à ideia de que ao meio cabe sempre mais alguém e que esse alguém pode ser você. Logo, essas figuras mostram-se felizes e

bem vestidas. Tal informação nos conduz a pensar que o *site* nos traz o conceito de felicidade, pois aprender inglês é sinônimo de alegria, poder e posicionamento profissional.

A organização do *site* com imagem e texto cria uma prática discursiva que corrobora com o que se apresenta na mídia acerca do ensino *on-line*: aprender inglês pode ser algo para todos, desde que estejam dispostos a entrar na internet e se dedicarem às práticas de ensino lá colocadas. Além disso, o discurso construído na *homepage* volta-se para um inglês prático, instrumental, para o uso de executivos e pessoas que fazem parte do mundo do trabalho, o que se pode inferir pela vestimenta e pelo posicionamento das personagens colocadas no *site*.

Logo abaixo do *banner* de apresentação da *homepage* há A BARRA DE INFORMAÇÕES.

Em primeiro lugar está inserido o tópico de maior importância para o *site* e para seus constituintes, o TESTE DE NÍVEL que é constituído por cinquenta questões que irão classificar o aluno em quatro níveis: básico, pré-intermediário, intermediário e avançado. O teste possibilitará ao aluno virtual enquadrar-se ao nível mais adequado do curso *on-line* de acordo com os conhecimentos prévios da língua que possua.

Essa disposição cria um efeito discursivo de competência, qual o nível de performance e competência o indivíduo possui para começar. Pode-se perceber também que tal *link* não traz nada de novo para as práticas de ensino, pois no ensino presencial esse recurso também é utilizado da mesma forma para diagnosticar em que nível o ingressante ao curso se encontra.

Ao lado encontramos o tópico OUTROS CURSOS, que possui parceria com outro *site*: E-profissionalizando.com. Cursos como enfermagem, secretariado executivo, auxiliar administrativo também

envolvem como perspectiva outro idioma. Em seguida encontra-se o MAPA DO SITE, que contém todos os passos que o aluno deverá seguir no sequenciamento das aulas e lições. Logo após tem-se o item RECOMENDE-NOS, que envolve a questão do marketing do *site*. O aluno poderá divulgar o *site* para um amigo através de mensagens de *e-mail* e assim expandir o reconhecimento da página.

SOBRE O INGLÊS CURSO é um tópico que irá tratar das questões políticas e ideológicas que envolvem o site e seus projetos. Para dar sequência a essa linha de pensamento o *site* promove ao lado o tópico DOAÇÕES. Nela, encontram-se algumas opções dentre as quais o internauta poderá tirar suas dúvidas em relação ao curso e estabelecer contato com o gerenciamento do *site* através de *e-mail*. Poderá também realizar testes de nível, segundo os quais consiga enquadrar-se ao nível mais adequado do curso de acordo com os conhecimentos prévios da língua que possua.

À esquerda, encontra-se a barra de MENU. É dentro dele que encontramos todos os acessos e suportes que o *site* oferece, ou seja, ícones que explicam todos os passos para manusear as ferramentas da página, utilizar serviços de apoio ao aluno, como gramática e vocabulário, solicitar emissão de certificados, acessar tipos de cursos que possuam diferentes finalidades como inglês para negócios, inglês para viagens, inglês para concursos, entre outros, dicas para professores e, por fim, outros tipos de redes sociais que também atuam e contribuem para a produção.

Os processos de produção e circulação dos discursos presentes na *homepage* escolhida para análise são direcionados a um sujeito representado por alguém que está inserido no mercado de trabalho. Ou se ainda não está, o curso será um dos dispositivos necessários para sua manutenção ou entrada no mundo do trabalho.

A construção da autonomia da aprendizagem se faz presente na

prática discursiva do sujeito que pode aprender no momento em deseja e do modo como quiser escolher dentro das opções que são oferecidas. Pode-se observar isso no enunciado da *homepage*: *Aqui você encontra um curso de inglês grátis, com áudios, vídeos, exercícios on-line, auxílio de professor e várias outras atividades. Junte-se a nós, já são mais de 500.000 alunos matriculados.*

O uso de estratégias discursivas, tais como, a construção da imagem de um lugar muito frequentado (500.000 alunos matriculados) somado à sugestão de escolhas do que fazer e o papel do professor que no ensino tradicional era o de mediador, aqui passa a ser um auxiliar igual a qualquer recurso tecnológico como o vídeo. Assim cria-se o efeito de sentido de uma aprendizagem autônoma, do aprendiz *eligens*, aquele que escolhe, quando na realidade suas escolhas estão dentro de um menu predeterminado pela própria *homepage*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A observação da *homepage* www.inglescurso.net.br mostra construção de uma prática discursiva de um ensino-aprendizagem pautada em escolhas do internauta aprendiz. Este, juntando-se aos que ali frequentam e seguindo as prescrições de atividades, estaria aprendendo segundo sua vontade e escolha, de forma autônoma e flexível.

No entanto, o conteúdo do ensino-aprendizagem *on-line* não se diferencia do tradicional; como se pode perceber na análise acima o teste de nível é igual ao do tradicional. Na verdade, o que muda é a forma de apresentação desse conteúdo que simula uma aprendizagem autônoma e eficiente.

Portanto, pode-se concluir que o suporte muda, poderia se estar tentando aprender a língua estrangeira com um livro didático, mas o conteúdo não. Os problemas atribuídos para aprendizagem autônoma na escola tradicional também se encontram no mundo virtual. O

que se tem novo é que o suporte virtual cria melhores condições de acesso à informação e a interação com as pessoas, mais rapidez em contatá-las, mas não resolve o problema da aprendizagem e de suas dificuldades.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. *Simulacros e simulação*. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

BAUMAN, Z. *Vida líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

CORACINI, M. J. R. F. *O discurso publicitário sobre escolas de língua e a constituição da identidade*. Disponível em: <www.letraseletras.ileel.ufu.br>. Acesso em: 7 jan. 2008.

_____. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira) pluralismo e tradução*. Campinas: Mercado de Letras, 2007.

_____. (Org.). *Discurso e identidade: (des)construindo subjetividades*. Campinas/Chapecó: Ed. da Unicamp/ Argos, 2003a.

_____. A celebração do outro. In: _____. *Identidade e discurso*. Campinas: Argos; Ed. da Unicamp, 2003. p. 197.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. Tecnologias del yo. In: _____. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1991.

LEVY, M. *Computer-assisted language learning*. Oxford: Claredon, 1997.

HELTAI LIMA, A. de M. Representações sobre o processo de ensino-aprendizagem de inglês: uma análise das práticas discursivas de uma aluna na aula particular. 2007. Dissertação (Mestrado) – PUC, SP. Programa de Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem.

MOMESSO, M. R. Diário de classe virtual: práticas educacionais transtextuais e transdiscursivas. *Linha d'água*, v. 22, p. 62-74, 2009.

MCADAMS, M. *Cyberspace: two flavors*. Disponível em: <<http://mindymcadams.com/cybermedia/cyberspace.htm>>. Acesso em: 15 maio 2009.

MOTA-ROTH, D. De receptor de informação a construtor de conhecimento: o uso do *chat* no ensino de inglês para formando de Letras. In: PAIVA, V. L. M. O. *Interação e aprendizagem em ambiente virtual*. Belo Horizonte: Poslin/FALE/UFMG, 2001.

PAIVA, V. L. M. de O. A *www* e o ensino de inglês. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*. v. 1, n. 1, 2001. p.93-116.

PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997a.

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pulcinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997b.

REVEL, J. *Michel Foucault: conceitos essenciais*. Tradução de Maria do Rosário Gregolin; Nilton Milanez, Carlos Piovesani. São Carlos: Claraluz, 2005. p. 86-87.

SERRANI-INFANTE, S. M. Abordagem transdisciplinar da enunciação em segunda língua: a proposta AREDA. In: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI M. C. (Org.). *Linguística aplicada e transdisciplinaridade*. Campinas: Mercado de Letras, 1998. p. 143-167.

SILVA, T.T. da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

